

Na minha recordação mais antiga, o meu avô é careca como um ovo e leva-me a ver os tigres. Põe o chapéu e enverga a sua grande gabardina abotoada, enquanto eu estou de sapatos de verniz e vestido de veludo. Estamos no outono e eu tenho quatro anos. A certeza desse processo: a mão do meu avô, o silvo vivo do trólei, a humidade da manhã, a caminhada pela encosta acima, no meio da multidão, até ao parque da cidadela. No bolso do meu avô está sempre *O Livro da Selva*, com a sua capa decorada a folha de ouro e as velhas páginas amarelecidas. Não tenho permissão para pegar no livro, mas este permanecerá aberto sobre os seus joelhos toda a tarde, enquanto ele me recita as passagens. Embora o meu avô não esteja a usar o seu estetoscópio nem a sua bata branca, a senhora da bilheteira, na barraquinha da entrada, chama-lhe «Doutor».

Depois há o carrinho das pipocas, o bengaleiro, um pequeno quiosque com postais e fotografias. Descemos as escadas e passamos pelo aviário onde os mochos de orelhas pontiagudas dormem, atravessamos o jardim, que se estende a todo o comprimento da muralha da cidadela, emoldurado por jaulas. Noutros tempos, viveu ali um rei, um sultão, os seus janízaros. Agora, as canhoneiras que se abrem sobre a rua contêm tinas cheias de água. As grades das jaulas curvam-se para fora, alaranjadas pela ferrugem. Na mão livre, o meu avô leva o saco azul que a minha avó preparou para nós. Lá dentro: repolhos com seis dias para o hipopótamo; cenouras e aipo para as ovelhas, os veados e o alce, que é uma espécie de fenómeno. No bolso, o meu avô escondeu alguns cubos de açúcar para o pónei

que puxa a carruagem do parque. Não recordo isto como sentimentalismo, mas como sinal de grandeza.

Os tigres vivem no fosso exterior da fortaleza. Subimos as escadas do castelo, passando pelas aves aquáticas e pelas janelas embaçadas da casa dos macacos, pelo lobo cuja pelagem de inverno começa a crescer. Passamos pelos abutres-barbudos e pelos ursos, que dormem o dia inteiro, cheirando a terra húmida e à morte de qualquer coisa. O meu avô pega-me ao colo e apoia os meus pés no corrimão, para que eu possa ver os tigres no fosso.

O meu avô nunca se refere à mulher do tigre pelo nome. O seu braço rodeia-me o corpo, os meus pés estão apoiados ao corrimão, e ele poderá dizer: «Noutros tempos conheci uma rapariga que gostava tanto de tigres que quase se transformou num deles.» Como sou pequena e o meu amor pelos tigres foi inspirado diretamente por ele, acredito que está a falar de mim, a brindar-me com um conto de fadas no qual posso imaginar-me a desempenhar um papel — e imaginarei mesmo, ao longo de anos e anos.

As jaulas estão voltadas para um pátio. Descemos as escadas e caminhamos lentamente de jaula em jaula. Também há uma pantera, com malhas fantasmagóricas que empalidecem a sua pelagem lustrosa, e um leão enorme e sonolento, vindo de África. Mas os tigres estão despertos e lívidos, cintilantes de rancor. Rolando as espáduas riscadas, flanqueiam-se um ao outro, subindo e descendo a estreita passagem de pedra. O seu odor é acre e quente e preenche tudo. Permanecerá comigo todo o dia, mesmo depois de ter tomado o meu banho e ido para a cama, e regressará em ocasiões inesperadas: na escola, na festa de anos de uma amiga, mesmo anos mais tarde, no laboratório de patologia ou na viagem de regresso de Galina.

Também me lembro disto: uma alteração. Um pequeno grupo de pessoas reúne-se diante da jaula dos tigres. Entre elas: um rapaz com um balão em forma de papagaio, uma mulher de casaco roxo e um homem barbudo, que enverga o uniforme castanho dos funcionários do zoo. O homem empunha uma vassoura e uma pá com um cabo comprido, e está a varrer a área entre a jaula e a barreira exterior. Anda para cima e para baixo, varrendo caixas de sumo,

papéis de rebuçado e pipocas que as pessoas tentaram atirar aos tigres. Estes andam para cima e para baixo com ele. A mulher de roxo diz qualquer coisa e sorri, e ele retribui o sorriso. Ela tem cabelo castanho. O varredor para, apoia-se ao cabo da vassoura e, quando o faz, o grande tigre passa por ele, roçando nas grades da jaula e emitindo um ruído surdo. O homem passa a mão entre as grades e toca-lhe no flanco. Por um momento, nada acontece. E depois rebenta o pandemónio.

O tigre atira-se a ele e a mulher grita. De repente, o ombro do varredor está entre as grades e o homem contorce-se, afasta a cabeça o mais que pode e tenta chegar à barreira exterior para ter onde se agarrar. O tigre segura-lhe o braço como um cão segura num osso grande: a direito entre as patas, roendo-lhe o topo. Dois homens, que lá estavam com os filhos, saltam por cima da barreira e agarram o varredor pela cintura e pelo braço que se agita no ar, e tentam puxá-lo. Um terceiro homem enfia o guarda-chuva entre as grades e espeta-o repetidamente nas costelas do tigre. Este solta um berro de indignação, depois ergue-se nas patas traseiras, aperta o braço do varredor contra si e abana a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse a puxar uma corda. Tem as orelhas achatadas contra o crânio e faz um barulho que lembra uma locomotiva. O rosto do varredor está lívido. No meio de tudo aquilo, ainda não emitiu um único som.

De súbito, já não vale a pena e o tigre larga-o. Os três homens caem de roldão e chovem salpicos de sangue. O tigre agita a cauda como um chicote e o varredor arrasta-se por baixo da barreira exterior e põe-se em pé. A mulher de roxo desapareceu. O meu avô não desviou o olhar. Eu tenho quatro anos, mas ele também não me fez desviar os olhos. Vejo tudo e, mais tarde, fica o facto de ele querer que eu visse.

Depois o varredor apressa-se na nossa direção, enrolando um pedaço de pano rasgado da camisa à volta do braço. Está muito vermelho e zangado, e vai a caminho da enfermaria. Nessa época, julgo que é medo, mas mais tarde reconhecerei a sua expressão como embaraço, como vergonha. Os tigres, agitados, investem contra a grade, saltando para a frente e para trás. O varredor deixa

atrás de si um rasto escuro na gravilha. Quando passa por nós, o meu avô diz:

— Santo Deus, você é um idiota, não é?

O homem diz algo em resposta, algo que eu sei que não devo repetir.

Em vez disso, estridente e arrogante nas minhas botas de verniz, corajosa porque o meu avô está a pegar-me na mão, digo:

— É um idiota, não é, avô?

Mas o meu avô já vai atrás do varredor, puxando-me consigo, e chama o homem, dizendo-lhe que pare para ele poder ajudá-lo.

A COSTA

Os quarenta dias da alma começam na manhã a seguir à morte. Nessa primeira noite, antes do início dos seus quarenta dias, a alma jaz contra almofadas transpiradas e fica a ver os vivos cruzarem as mãos e fecharem os olhos, encherem o quarto de fumo e de silêncio para manterem a nova alma afastada das portas e janelas, e das fendas do soalho, de modo a que não fuja da casa como se fosse um rio. Os vivos sabem que, ao amanhecer, a alma os deixará e partirá rumo aos lugares do seu passado: escolas e dormitórios da sua juventude, casernas e quartéis do exército, casas que foram arrasadas e reconstruídas, locais que lembram amor e culpa, dificuldades e felicidade, otimismo e êxtase sem peias, recordações de graça que não têm significado para mais ninguém. E, por vezes, essa jornada levá-la-á tão longe, durante tanto tempo, que a alma se esquecerá de regressar. Por essa razão, os vivos suspendem os seus próprios rituais: para dar as boas-vindas ao espírito recém-libertado, os vivos não limpam, não lavam nem arrumam, não tiram do lugar os pertences da alma durante quarenta dias, na esperança de que o sentimento e a nostalgia a tragam de novo para casa, a encorajem a regressar com uma mensagem, um sinal ou perdão.

Se for corretamente incitada, a alma regressará com o passar dos dias, para remexer em gavetas, espreitar para dentro de armários, procurar o conforto táctil da sua identidade viva reavaliando o suporte dos pratos, a campainha da porta e o telefone, recordando-se do que é funcionalidade, tocando constantemente em coisas que emitem sons e dando a conhecer a sua presença aos habitantes da casa.

Foi isto que a minha avó me lembrou, falando tranquilamente ao telefone, depois de me ter informado da morte do meu avô. Para ela, os quarenta dias eram um facto e uma questão de senso comum, um conhecimento adquirido ao enterrar pai e mãe e uma irmã mais velha, diversos primos e desconhecidos da sua cidade natal, uma fórmula que recitara para reconfortar o meu avô sempre que ele perdia um doente no qual se empenhara particularmente. Uma superstição, no entender dele, mas algo em que ele lhe fazia a vontade, protestando cada vez menos à medida que a idade endurecia as crenças dela.

A minha avó estava chocada, zangada, porque tínhamos sido privados dos quarenta dias do meu avô, período agora reduzido a trinta e sete ou trinta e oito dias pelas circunstâncias da sua morte. Ele morrera sozinho, numa viagem que o levava para longe de casa; ela não sabia que ele já estava morto quando passara as suas roupas a ferro, na véspera, ou quando lavara a louça nessa manhã, e não podia avaliar as consequências espirituais dessa ignorância. Ele morrera numa clínica numa vila obscura chamada Zdrevkov, do outro lado da fronteira. Nenhuma das pessoas com quem a minha avó falara sabia onde ficava Zdrevkov e, quando ela me perguntou, eu disse-lhe a verdade: não fazia a menor ideia do que ele estava lá a fazer.

— Estás a mentir — disse ela.

— Não estou, Bako.

— Ele disse-nos que ia ter contigo.

— Isso não pode ser verdade — retorqui.

Ele mentira-lhe, compreendi de repente, e mentira-me a mim também. Aproveitara a minha viagem a corta-mato para se esgueirar (há uma semana, dizia ela, de camioneta, imediatamente a seguir à minha partida) e fora-se embora por qualquer razão que nenhuma de nós conhecia. O pessoal da clínica de Zdrevkov demorara três dias inteiros a localizar a minha avó, após a morte dele, para lhes comunicar, a ela e à minha mãe, que ele morrera e combinar a trasladação do corpo. Este chegara à morgue da Cidade nessa manhã, mas entretanto eu já estava a seiscentos e quarenta quilómetros de casa, nos lavabos da última estação de serviço antes

da fronteira, comprimindo o auscultador do telefone público contra a orelha, com as calças arregaçadas, as sandálias na mão e os pés nus a escorregar sobre os azulejos verdes por baixo do lavatório avariado.

Alguém fixara uma mangueira dobrada à torneira e a mangueira pendia dos tubos da caldeira, com o bocal voltado para baixo a cuspir torrentes de água para o chão. Devia estar assim há horas: havia água por toda a parte, a inundar os sulcos de azulejo e a formar poças em torno das bordas das sanitas de agachar, derramando-se pelo degrau da porta e escorrendo para o jardim seco que ficava nas traseiras do barracão. Nada disto perturbava a empregada, uma mulher de meia-idade com um lenço cor de laranja a prender-lhe o cabelo, que eu encontrara a dormir numa cadeira, num canto, e que persuadira a sair dali com um punhado de notas, receando o significado das sete tentativas de contacto da minha avó mesmo antes de pegar no auscultador.

Estava furiosa com ela por não me ter dito que o avô fora de viagem. Ele dissera-lhes, a ela e à minha mãe, que estava preocupado com a minha missão de boa vontade, a administrar vacinas no orfanato de Brejevina, e que ia dar uma ajuda. Mas eu não podia repreender a minha avó sem me denunciar, porque ela me recriminaria por ignorar a doença do meu avô, que ele e eu lhe tínhamos ocultado. Assim, deixei-a falar e não disse uma palavra acerca do facto de ter estado com ele na Academia Militar de Medicina três meses antes, quando ele descobrira a doença, nem acerca de quando o oncologista, um velho colega do meu avô, lhe mostrara os exames e o meu avô pousara o chapéu nos joelhos e retorquira:

— Porra. Vai-se à procura de um mosquito e encontra-se um burro.

Meti mais duas moedas na ranhura e o telefone zumbiu. Os pardais mergulhavam dos peitoris de tijolo das paredes da casa de banho e pousavam nas poças de água aos meus pés, salpicando o dorso com água. Lá fora, o sol assava a tarde imóvel, e o ar quente e húmido envolvia-me no interior do compartimento e cintilava na porta que dava para a estrada, onde os carros formavam uma fila cerrada no macadame vítreo, à espera de passar pelo controlo adua-

neiro. De onde estava, avistava o nosso carro, com uma moosa do lado esquerdo, resultado de um encontro recente com um trator, e via também Zóra sentada no lugar do condutor, com a porta entreaberta, uma perna comprida a roçar pelo chão, lançando olhares cada vez mais frequentes na direção da casa de banho, à medida que se aproximava da alfândega.

— Telefonaram ontem à noite — dizia a minha avó, em voz mais alta. — E eu pensei: *Enganaram-se*. Não quis telefonar-te antes de termos a certeza, para não te preocuparmos no caso de não ser ele. Mas a tua mãe foi à morgue esta manhã. — Ficou um instante calada e depois disse: — Não compreendo, não compreendo nada disto.

— Eu também não, Bako — repliquei.

— Ele ia ter contigo.

— Eu não sabia disso.

Então o tom de voz dela alterou-se. Estava desconfiada, a minha avó, por eu não estar a chorar, por eu não estar histérica. Nos primeiros dez minutos de conversa, permitira-se provavelmente acreditar que a minha calma era resultado do facto de eu estar num hospital no estrangeiro, em serviço, talvez rodeada por colegas. Ter-me-ia confrontado muito mais cedo se soubesse que estava escondida numa casa de banho de um posto fronteiriço, para que Zóra não ouvisse.

— Não tens nada para dizer? — perguntou ela.

— Não sei, Bako. Porque mentiria ele acerca de vir ter comigo?

— Não perguntaste se foi um acidente — disse ela. — Porque não perguntaste isso? Porque não perguntaste como ele morreu?

— Nem sequer sabia que ele não estava em casa — repliquei.

— Não sabia nada do que se passava.

— Não estás a chorar — disse ela.

— A avó também não.

— A tua mãe está destroçada — disse-me ela. — Ele devia saber. Dizem que estava muito doente, portanto devia saber, deve ter dito a alguém. Foste tu?

— Se eu soubesse, ele não teria ido a lado nenhum — respondi, num tom que esperava fosse cheio de convicção. — Ele com certeza sabia que não devia fazê-lo.

Havia toalhas brancas muito bem empilhadas numa prateleira de metal, por cima do espelho. Limpei o rosto e o pescoço com uma delas, depois com outra, e a pele das minhas faces e do meu pescoço foi deixando manchas cinzentas em toalha após toalha, até chegar à quinta. Não havia um cesto de roupa suja para as pôr, pelo que as deixei no lavatório.

— Onde fica o sítio onde o encontraram? — perguntei.
— É muito longe?

— Não sei — replicou ela. — Não nos disseram. Algures do outro lado.

— Talvez fosse uma clínica especializada — sugeri.

— Ele tinha ido ter contigo.

— Deixou alguma carta?

Não deixara. Compreendi que a minha mãe e a minha avó provavelmente tinham encarado a sua partida como um fruto da sua renitência em reformar-se, tal como a sua relação com um novo doente acamado, fora da Cidade. Doente esse que nós tínhamos inventado para encobrir as suas visitas a um amigo oncologista dos almoços semanais de médicos, um homem que dava injeções de preparados que se presumia acalmarem as dores. Eram preparados coloridos, dizia o meu avô quando chegava a casa, como se soubesse que não passavam de água com corantes alimentares, como se já não tivesse importância. Conservara um aspeto mais ou menos saudável, o que tornava mais fácil esconder a sua doença, mas depois de o ver regressar dessas sessões, uma única vez, ameacei contar tudo à minha mãe e ele retorquiu: «Não te atrevas.» E o caso ficou arrumado.

A minha avó estava a perguntar:

— Já chegaste a Brejevina?

— Estamos na fronteira — respondi. — Acabámos de passar no *ferry*.

Lá fora, a fila de carros recomeçava a mover-se. Vi Zóra apagar o cigarro no chão, recolher a perna e bater a porta. A pequena multidão que se reunira na berma de gravilha para esticar as pernas e fumar um cigarro, verificar os pneus e encher garrafas de água na fonte, olhar com impaciência para a fila ou despachar os bolos e

sanduíches que tinham tentado contrabandear através da fronteira, ou urinar contra as paredes exteriores da casa de banho, apressou-se a regressar aos respetivos veículos.

A minha avó ficou calada por momentos. Ouvi a linha a dar um estalido. Por fim, ela disse:

— A tua mãe quer fazer o funeral nos próximos dias. A Zóra não poderá seguir para Brejevina sem ti?

Se contasse a Zóra, ela obrigar-me-ia a voltar imediatamente para casa. Dar-me-ia o carro, pegaria nas geleiras com as vacinas e pediria boleia para passar a fronteira e ir entregar a oferta de boa-fé ao orfanato de Brejevina, na costa. Mas respondi:

— Estamos quase lá, Bako, e há muitas crianças à espera destas vacinas.

Ela não voltou a pedir-me. Indicou-me simplesmente a data, hora e local do funeral, embora eu já soubesse onde seria, em Strmina, a colina que sobrepujava a Cidade e onde a Mãe Vera, a minha trisavó, estava enterrada. Quando ela desligou, abri a torneira com o cotovelo e enchi as garrafas de água que levava como pretexto para sair do carro. No chão de gravilha, lá fora, sequei os pés antes de voltar a calçar os sapatos; Zóra deixou o motor a trabalhar e saltou do carro, para aproveitar a sua vez de ir aos lavabos. Sentei-me no banco do condutor, puxei-o para a frente para o ajustar à minha altura e verifiquei se as nossas licenças e os documentos de importação dos medicamentos estavam alinhados no *tablier*, pela ordem correta. Dois carros à nossa frente, um funcionário da alfândega, com a camisa verde colada ao peito, abria a bagageira do carro de um casal idoso e debruçava-se cuidadosamente sobre ela, abrindo malas com a mão enluvada.

Quando Zóra regressou, não lhe contei o que acontecera ao meu avô. Tinha sido um ano sombrio para ambas. Eu cometera o erro de acompanhar as enfermeiras na greve de janeiro e fora recompensada com uma suspensão indefinida da clínica de Vojvodja, o que me forçara a ficar em casa durante vários meses; uma bênção, num certo sentido, porque significou que estava presente para apoiar o meu avô quando ele soube o diagnóstico. Ele ficou satisfeito com isso, no princípio, mas nunca perdia uma oportunidade para me

dizer que não passava de uma idiota crédula por ter sido suspensa. Depois, à medida que a sua doença se prolongava, começou a passar cada vez menos tempo em casa e sugeriu que eu devia fazer o mesmo. Não me queria a andar por ali com uma expressão taciturna a pregar-lhe sustos de morte, quando acordava sem os óculos, a meio da noite, e dava comigo a rondar a sua cama. O meu comportamento, dizia ele, acabaria por revelar a sua doença à minha avó, fazendo-a desconfiar dos nossos silêncios e das nossas conversas, e do facto de tanto ele como eu andarmos mais ocupados do que nunca agora que eu estava suspensa e ele reformado. Queria também que eu pensasse na minha especialização e no que faria da minha vida quando terminasse o período de suspensão; não ficou surpreendido quando Srdjan, um professor de engenharia bioquímica com quem eu, nas palavras do meu avô, «andara metida», se recusou a interceder a meu favor junto da comissão de suspensão. Por sugestão do meu avô, retomei a minha atividade como voluntária do programa das United Clinics na Universidade, coisa que não fazia desde o fim da guerra.

Zóra estava a utilizar esta missão de voluntariado como uma desculpa para fugir às consequências de uma explosão na Academia Militar de Medicina. Quatro anos depois de ter concluído a sua licenciatura ainda trabalhava no centro de traumatologia, na esperança de que o contacto com diversos procedimentos cirúrgicos a ajudasse a optar por uma especialização. Infelizmente, passou a maior parte desse tempo sob as ordens de um diretor de traumatologia conhecido em toda a Cidade como Luva de Ferro, alcunha que adquirira nos seus tempos de chefe do serviço de obstetrícia, quando se esquecia de retirar as pulseiras de prata que usava empilhadas no pulso durante os exames pélvicos. Zóra era uma mulher de princípios e uma ateia assumida desde os treze anos, quando um padre lhe dissera que os animais não tinham alma e ela retorquiria «Bem, então vá-se foder, padreco», e saía da igreja. Quatro anos às turras com Luva de Ferro haviam culminado num incidente que Zóra estava proibida de discutir, por ordem do delegado do Ministério Público. O seu silêncio a esse respeito abrangia-me até a mim, mas o pouco que me chegara aos ouvidos, nos corredores do hos-

pital, girava à volta de um trabalhador dos caminhos de ferro, de um acidente e de uma amputação digital, durante a qual Luva de Ferro, que talvez estivesse embriagado ou talvez não, dissera algo como: «Não se preocupe, cavalheiro, é muito mais fácil ver o segundo dedo a sair se estiver a morder o primeiro.»

Como é natural, fora instaurado um processo e Zóra fora chamada a depor contra Luva de Ferro. Apesar da sua reputação, ele continuava bem relacionado no seio da comunidade médica, e Zóra estava dividida entre dar uma lição a um homem que desprezava havia anos ou arriscar uma carreira e uma reputação que mal começara a construir. Pela primeira vez, ninguém — nem eu, nem o seu pai, nem o seu último namorado — podia apontar-lhe um rumo. Depois de partirmos, tínhamos passado uma semana na sede das United Clinics, para recebermos instruções e formação. Ao longo de todo esse tempo, ela enfrentou a minha curiosidade e os incessantes telefonemas do delegado do Ministério Público com o mesmo resolutivo silêncio. Até que ontem, contra todas as probabilidades, ela confessou que queria pedir conselho ao meu avô assim que voltássemos para a Cidade. Não o vira no hospital nos últimos meses, não vira o seu rosto acinzentado, a maneira como a pele começava a ficar-lhe solta sobre os ossos.

Vimos o funcionário da alfândega confiscar dois frascos de seixos da praia ao casal idoso e mandar passar o carro seguinte sem o fazer parar. Quando chegou a nossa vez, passou vinte minutos a examinar os nossos passaportes e bilhetes de identidade, e as nossas cartas de certificação da Universidade. Abriu as geleiras com os medicamentos e alinhou-as sobre o macadame, enquanto Zóra se erguia diante dele a toda a sua altura, de braços cruzados, e dizia: «Tem consciência, bem entendido, de que o facto de isso estar numa geleira significa que é sensível à temperatura, ou será que na escola da sua aldeia não ensinam o que é refrigeração?», fez tudo isso sabendo que estava tudo em ordem, sabendo que, realisticamente, não podia tocar-nos. Contudo, a provocação de Zóra levou-o a revistar o carro em busca de armas, passageiros clandestinos, marisco e animais de estimação desprovidos de certificação, durante mais trinta minutos.